

Citações

1. Numa sociedade de consumo, imagens são a linguagem de transação. Imagens almejam provocar algo em nós, a fim de receberem algo de nós. Novas imagens requerem de nós todo tipo de coisas — nosso tempo, nossa atenção, nossa indignação, nosso dinheiro, nossa luxúria, nossa afeição e nossos votos. É possível resistir a elas?
2. Este livro é uma teologia da cultura visual, uma cultura que se mostra cada vez mais sufocante. [...] A intenção deste livro é ser um companheiro para cristãos em meio a desintoxicações digitais — esses períodos da nossa vida, agora necessários, nos quais voluntariamente nos desconectamos da mídia *pop*, dos noticiários e das mídias sociais, a fim de livrar nossos olhos das telas e reordenar nossas prioridades.
3. Um espetáculo é algo que captura a atenção humana, um instante em que nossos olhos e cérebros focam e se fixam em algo projetado para nós.
4. Seja verdade, mentira ou ficção, um espetáculo é sempre algo visível que atrai o olhar da coletividade.
5. Por trás de tudo isso, os espetáculos querem algo de nós. “Consumir” é uma parte disso, mas nós não apenas ingerimos espetáculos; nós respondemos a eles. Imagens visuais despertam os motivos em nosso coração. Imagens puxam as rédeas das nossas ações. Imagens querem nossa celebração, nosso deslumbre, nossa afeição, nosso tempo e nossa indignação. Imagens invocam nosso consenso, nossa aprovação, nosso apoio, nosso poder de compartilhamento e, também, nossa carteira
6. Por que buscamos espetáculos? Porque somos humanos — configurados com um insaciável apetite para ver a glória. Nosso coração busca esplendor ao mesmo tempo em que nossos olhos vasculham por grandiosidade. Não podemos evitar.
7. Atenção é a habilidade de deixar de lado todas as coisas a fim de lidar com algumas coisas, bem como é o oposto daquela vertigem dos desconcentrados caçadores de espetáculos, incapazes de prestar atenção em coisa alguma. Sendo assim, a atenção determina como percebemos o mundo à nossa volta.
8. [...] não somos apenas o fruto do nosso meio ambiente. Somos criaturas moldadas por aquilo que atrai nossa atenção — e aquilo a que prestamos atenção se torna nossa realidade objetiva e subjetiva. Gêmeos idênticos, criados num ambiente idêntico, serão moldados de formas diferentes se focarem em coisas diferentes. Nós atentamos àquilo que nos interessa. Tornamo-nos aquilo a que assistimos.
9. Na era do espetáculo, a imagem é nossa identidade e nossa identidade é inevitavelmente moldada por nossa mídia.
10. Na era do espetáculo, abandonamos os contornos sólidos de nossa existência corporal — nossa concha —, a fim de encontrarmos nossa própria forma e definição enquanto vivemos dentro de uma vida de abstração conduzida pela mídia. E, por podermos viver inteiramente dentro do mundo das nossas imagens (consumidas e projetadas), perdemos nossa identidade e nosso lugar na comunidade. Perdemos a

percepção do que significa estar dentro do corpo que Deus atribuiu e formou para nós. Libertos dos contornos sólidos da nossa humanidade, tornamo-nos pedaços de massa de modelar autônomos e maleáveis. [...] Tornamo-nos egos desconectados, abstraídos da natureza e da comunidade — abstraídos de nosso verdadeiro ego.

11. [Selfies:] Como pedaços de massa de modelar, buscamos esculpir uma identidade que será celebrada pelos outros.
12. Como resultado dessas transformações culturais, cada um de nós sente a transformação do *ser* para o *aparentar*. Nossa imagem autoconstruída — nossa aparência digital — torna-se tudo.
13. Não é preciso insistir no fato de que vivemos numa cultura dominada por produções de vídeo e espetáculos subsidiados. [...] O mundo real à nossa volta se dissolve, não porque nossos espetáculos sejam falsos ou “fake”, mas porque temos o poder soberano sobre um cardápio de incontáveis opções de espetáculos. Nós controlamos tudo. Nosso cetro é o controle remoto. E, nesse bufê de opções digitais, perdemos de vista os contornos que dão forma à nossa existência corporal. Tornamo-nos cegos para aquilo que não podemos controlar.
14. Na era *televisiva*, nossos olhos passam por toda a terra numa espécie de onisciência divina, com uma oferta de inúmeras opções no celular na palma de nossa mão. Espetáculos do outro lado do mundo podem nos alcançar com uma facilidade jamais vista. E, embora estejamos no controle de nossos espetáculos particulares, também nos tornamos mais passivos a eles. A resistência ao espetáculo é uma opção que deliberadamente ignoramos. Nossos olhos preguiçosos, nosso olhar indiferente se contenta em ser alimentado pelos fabricantes de espetáculos. [...] Poucos de nós têm contabilizado os impactos dessa cultura televisiva para a nossa atenção, volição, empatia e identidade.
15. A expansão dos espetáculos de vídeo ao lado do mercado de consumo não é um casamento accidental. Imagens capturam a nossa atenção e nos seduzem porque, implicitamente, elas nos convidam a experimentar diferentes trajes identitários, a vislumbrar como um produto irá modelar nossa aparência à vista dos outros. E essa persona cuidadosamente elaborada vai muito além dos produtos de beleza e vestuário; é a força motriz por trás de muitos dos nossos bens de consumo.
16. Em nossa busca por moldar a massa informe da nossa identidade, corremos atrás de novos produtos.
17. O espetáculo promete dar-nos uma imagem que outras pessoas da mesma cultura irão identificar e apreciar, se comprarmos os produtos certos.
18. Nesta era do espetáculo evanescente, precisamos encontrar espetáculos sempre novos e cada vez mais arrojados que recapturem nosso olhar sempre pronto a desviar-se.
19. Os espetáculos de publicidade são pensados, como o shopping, para despertar novos desejos dentro de nós, desejos que não existem previamente até que a ausência de um bem de consumo é identificada como sua causa.

20. Um espetáculo põe diante de nossos olhos um objeto de desejo, provocando um novo anseio por satisfação naquele bem ou experiência, e, então, rapidamente arranca de nós o objeto, deixando-nos com uma nova sede, uma nova vontade, que precisa ser saciada na compra daquele bem ou experiência.
21. Espetáculos de publicidade constroem hábitos poderosos em nós e nos tornam compradores incansáveis em busca do poder de mudar nossa própria vida e nosso entorno com mais uma ida ao shopping. A massa amorfa do ego autônomo recebe a promessa de uma nova identidade na forma de um exoesqueleto novinho em folha — um novo bem de consumo para nos completar e nos dar uma forma no mundo, para moldar a identidade que desejamos projetar para os outros. Assim, tornamo-nos consumidores autoconsumidos — compradores autônomos cuja vida recebe novo contorno e nova forma pelo próximo produto que acrescentamos ao nosso carrinho de compras da Amazon.
22. Por trás da era do espetáculo está a era do consumo. Alimentados por uma dieta repleta de doces, guloseimas de sensações e de impressão cultural, adquirimos novos apetites pelo mundo visível ao mesmo tempo em que perdemos o gosto pelo invisível. Todos os nossos apetites e anseios são disciplinados pelos espetáculos do mundo, de modo que eles possam ser aplacados por uma indústria que reduz os nossos desejos aos lançamentos do mercado, às próximas férias e à última tecnologia de consumo.
23. Os fogos do espetáculo político são a nova pirotecnia do ímpeto político. Talvez, agora, o ofício de presidente seja mais apropriado para a classe das celebridades, os mestres do espetáculo.
24. Uma borboleta digital bate suas asas e, em uma hora, desencadeia um tsunami digital de indignação do outro lado do planeta.
25. Na era da mídia, guerras não são travadas apenas nos lugares longínquos; elas são travadas num formato sob medida para caber no palco *de todo lugar* — em cenas que disputam o tempo de exibição nas telas onipresentes em nossos bolsos.
26. Embora não seja fácil de medir, todos sabemos que a duração da atenção humana está cada vez menor. Em parte, podemos culpar as falsas promessas dos dispositivos multitarefa. E, em parte, podemos culpar a nós mesmos. É nossa preferência pessoal. Focar nossa atenção por muito tempo é algo difícil. Nossos cérebros amam pequenas pausas para o lanche e as empresas de mídia digital sabem disso. Somos alvos dessas guloseimas de atenção feitas sob medida para saciar nosso apetite por algo novo, bizarro, glorioso, hilário, curioso ou fofinho.
27. Instantes de atenção humana são hoje a nova moeda social que determina o valor da nossa mídia.
28. Nossa atenção consciente é hoje um bem escasso e precioso para os engenheiros das guloseimas para os olhos.

29. Nossa atenção é voluntariamente estilhaçada num milhão de pedaços, guiada por nossas necessidades impulsivas, capturada em nossos perfis digitais e, então, explorada pelos mercadores do espetáculo.
30. Por trás das linhas de montagem das fábricas de espetáculo, por trás das cortinas das mídias sociais, tudo é feito e visto com um único objetivo — o final marcante.
31. O que mantém nossa cultura unida já não são as crenças compartilhadas, e sim os espetáculos compartilhados.
32. Espetáculos virais são a nova moeda corrente nas áreas do poder social, da força política, do marketing pessoal e da prosperidade financeira.
33. Em meio a esses jogos de poder, esse escambo nas bancas dos fabricantes de espetáculos, a igreja é chamada para ser separada e permanecer distinta dos espetáculos da nossa era, a fim de poder fazer as perguntas críticas, até mesmo as autocríticas.
34. Espetáculos disputam com Deus por nossa atenção. [... Nossa] cultura não é a primeira a viver numa era capturada por vãos espetáculos. Até mesmo as gerações anteriores à mídia de massa eram, em alguma medida, culturas visuais, o que torna os espetáculos uma questão perene, com a qual nossos ancestrais na fé também lutaram enquanto viviam sob o lema: “Andamos por fé e não pelo que vemos” (2Co 5.7).
35. [Os] pregadores puritanos não se opunham aos teatros em si; eles se opunham ao pecado que aqueles teatros apresentavam, no palco, e atraíam, fora do palco. Dos púlpitos, eles alertavam contra as seduções da indústria do entretenimento, ao mesmo tempo em que mantinham a esperança de que, um dia, dramas e comédias edificantes seriam escritos e encenados.
36. E se a verdade for que nós, cristãos — especialmente na era digital —, não mais vivemos num teatro de *espetáculos mutuamente excludentes* [...]? E se a verdade for que nós vivemos numa era de *espetáculos concorrentes*?
37. Neste mundo amante de espetáculos, com todos os seus fabricantes e as suas indústrias de espetáculos, veio o mais grandioso Espetáculo já concebido na mente de Deus e apresentado na história mundial: a cruz de Cristo.
38. A morte de Jesus Cristo não foi só mais um espetáculo de crucificação; foi o ápice de todos os espetáculos de crucificação. Para os romanos, “toda cruz era um trono de zombaria para os rebeldes”, mas, segundo a Escritura, a cruz de Cristo “foi uma paródia de coroação e entronização”.¹ A cruz de Cristo foi o maior espetáculo da História cósmica por causa de suas irônicas subversões. Ali, na colina do Calvário, Cristo despojou “os poderes e as autoridades” e, em sua vitória, “fez deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz” (Cl 2.15 NVI). Morrer num madeiro

¹ Peter J. Leithart, *Defending Constantine: The Twilight of an Empire and the Dawn of Christendom* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2010), 24.

era morrer sob a maldição de Deus. Mas, pendurado num madeiro, Cristo se fez maldição por nós.²

39. É como se Deus nos dissesse: “Este é meu Filho amado, crucificado por você, um Espetáculo para capturar o seu coração para sempre!”.
40. O espetáculo supremo da cruz entra em rota de colisão cósmica com os espetáculos deste mundo. E nós estamos bem no meio. Agora, estou crucificado para o mundo, e o mundo está crucificado para mim.³ Nossa reação ao espetáculo definitivo da cruz de Cristo é o que nos define.
41. [A] cruz foi um espetáculo que este mundo nunca igualou e jamais igualará em peso, importância ou glória.
42. O levantamento de Cristo no Calvário constitui o ápice do espetáculo, que todos os outros espetáculos na história mundial jamais igualarão, o proeminente espetáculo da vida divina e do amor divino, livremente oferecidos ao mundo boquiaberto.
43. Rejeitado pela terra, abandonado pelos céus, esta viga da cruz manteve bem abertos os braços do Salvador. Ali, a ira divina e a misericórdia divina se encontraram. Com intensidade maior até do que o dilúvio global, a cruz de Cristo foi uma exibição pública do justo furor de Deus contra bilhões de pecados, outrora deixados impunes, e agora julgados na plena manifestação da sua ira na história humana visível.
44. “Será que jamais houve um quadro semelhante àquele que Deus pintou com o pincel do amor eterno, mergulhado na tinta da ira do Todo-Poderoso no cume do Calvário?”
— Charles Spurgeon
45. a pregação clara e intrépida da cruz materializa o espetáculo da cruz diante da congregação, para aqueles que possuem fé para vê-lo. Pelo Espírito, nós *vemos* o espetáculo da cruz — pois nós *vemos* a cruz de Cristo ainda hoje, por meio de sermões, livros e cânticos fiéis, nos quais a mensagem da cruz está presente com a majestade que lhe é devida. Essa era a intenção de Paulo — que nós também *víssemos* Cristo, contemplando sua majestade e glória.
46. [A] cruz é a pedagogia da fé, não da vista.
47. Para nós, porém, a cruz é a pedagogia da fé, não da vista. No Calvário, “Satanás triunfou visivelmente, mas Cristo triunfou invisivelmente”.⁴ Essa é a razão pela qual filmes bíblicos e recriações cinematográficas da cruz nada acrescentam ao espetáculo da cruz, e, muitas vezes, roubam-lhe algo, deixando-nos com um imaginário vívido da tortura física e da derrota de um homem, mas esvaziando o espetáculo de suas mais surpreendentes glórias — incapazes de retratar na tela a divindade de Cristo ou a sua obra singular como o sacerdote que fez expiação; o Salvador que levou sobre si a ira; o cordeiro pascal; o servo sofredor; aquele que

² Dt 21.22-23; Gl 3.13-14.

³ Gl 2.20; 6.14.

⁴ Thomas Manton, *The Complete Works of Thomas Manton* (London: James Nisbet, 1874), 18:213.

esmagou a cabeça da serpente; o homem de guerra cósmico; o capitão do segundo êxodo; e o alfa da nova criação.

48. Nosso mundo diz que ver é crer, mas, para podermos ver a profunda glória da cruz, precisamos ver como Deus vê, não como o homem vê. Nós entesouramos o que é invisível e essa é, talvez, a grande fonte da tensão do espetáculo que existe entre esta era e a vida cristã. O grande espetáculo de Cristo crucificado é um espetáculo para os ouvidos, não um espetáculo para os olhos. Pois a fé vem não pelo ver, mas pelo ouvir.
49. Cristo é o criador, sustentador, redentor e restaurador de todas as coisas. Ao ressuscitar, ele se torna o cidadão primogênito da nova criação. Antes de qualquer espetáculo existir, Cristo existia. Depois que todos os espetáculos deste mundo houverem passado, Cristo ainda reinará.
50. Há [...] uma humildade mortal, uma humildade excessiva [...] e trata-se] da ideia de que escapar do mundo e viver fora da presença da sociedade e da cultura secular assegura nossa saúde espiritual. Porém, retirar-se da sociedade não é nenhuma garantia de cura. O cristão pode florescer até mesmo enquanto vive *dentro* da cultura secular com todas as suas seduções e espetáculos. Sua força vem de onde ele fixa a sua atenção.
51. Dois teatros concorrem pelo nosso olhar: o teatro do pecado na terra e o teatro da glória onde Cristo está. [...] O *terreno* é o presente teatro que domina o olhar coletivo, mas representa uma era que está sendo desfeita e terminada. O *celestial* é o teatro presente (e futuro) e representa a era da nova criação, a qual está irrompendo nos cristãos e na igreja, agora, e que será globalizada em definitivo com o retorno de Cristo.
- 52. O espetáculo da cruz é um terremoto que reverbera por toda a nossa vida e quebra as correntes dos nossos vícios em espetáculos terrenos.**
- 53. Em Cristo, nós agora almejamos matar e desarraigar todo desejo terreno pecaminoso que remanesça em nosso coração. O mundo quer alimentar esses desejos com seus próprios espetáculos. Assim, eu protejo minha atenção, não com ascetismo, mas com consciência, prudência, jejum e com renúncias seletivas baseadas nos meus próprios apetites e fraquezas. Uma percepção temperante das minhas suscetibilidades internas ao pecado deve guiar meu consumo de mídia e os limites que eu mesmo me imponho. Até que possa dizer: “eu sou fraco”, serei excessivamente confiante na minha ingestão de espetáculos.**
54. Nosso foco no teatro da glória de Cristo aperfeiçoa nossos chamados terrenos, em vez de nos distrair deles.
55. A glória de Cristo é o espetáculo de todos os demais espetáculos; e o seu poder é visto mais claramente em como ele equipa, motiva e anima nossa obediência fiel em todas as outras áreas da vida. [...] O espetáculo de Cristo é concebido para nos atravessar e alcançar o outro na forma de amor sacrificial. Cada pensamento, afeição, desejo e hábito de nossa vida resplandece com a semelhança de Cristo à medida que

nos voltamos para o espetáculo da glória de Cristo — a grande fonte de energia da santificação cristã.

56. [A teologia é] a nossa janela para glórias divinas e para espetáculos cristológicos concebidos para encher nossa imaginação e arrebataram nosso coração.
57. [N]ada em nossa vida social, doméstica, eclesiástica e profissional escapa a influência do espetáculo cósmico da glória de Cristo, brilhando como o sol em seu fulgor diário para fazer brotar novo fruto no solo do nosso coração.
58. Cristo é o criador da primeira criação e o inaugurador da nova criação. O poder da face radiante de Cristo desencadeia a nova criação dentro do seu povo redimido.
59. Em termos práticos, a inauguração da nova criação em Cristo divide a humanidade em dois blocos e essas duas coalizões não são estáticas, mas cinéticas e dinâmicas. No Espetáculo de Cristo, nós estamos sendo arrastados para o teatro celestial, de um degrau de glória para o seguinte. Porém, no espetáculo do teatro mundano, os pecadores são inadvertidamente apanhados pela força de uma correnteza midiática que agita e aprisiona almas cegas dentro do passageiro teatro deste mundo.
60. Nós, humanos, não apenas *temos hábitos* — nós *somos hábitos*
61. Somente o grandioso Espetáculo de Jesus Cristo pode alcançar as profundezas de nossos amores e anseios com poder para nos moldar em algo belo e pleno.
62. Se o esplendor de Cristo não está no centro, então os espetáculos de atração, apesar de bem-intencionados, reduzem a igreja a mais um show de segunda categoria para atrair o olhar desinteressado dos caçadores de entretenimento.
63. [A] igreja é um espetáculo especial — um grande elenco, atuando coletivamente no papel principal da noiva, no drama humano para o qual toda a criação foi concebida para servir-lhe de palco.
64. Talvez a melhor abordagem seja simplesmente admitir que o uso de habilidosos espetáculos, numa igreja, é válido apenas na medida em que ela compreende e celebra o conteúdo do Espetáculo invisível de Cristo crucificado, sepultado, ressurreto e assunto aos céus. Se o esplendor de Cristo não está no centro, então os espetáculos de atração, apesar de bem-intencionados, reduzem a igreja a mais um show de segunda categoria para atrair o olhar desinteressado dos caçadores de entretenimento.
65. Jesus se recusou a ser apenas mais um fabricante de espetáculos.
66. Fabricar espetáculos não é algo peculiar ao evangelho nem lhe confere qualquer vantagem, pois Satanás, sendo ele mesmo um excepcional fabricante de espetáculos, pode seduzir e empolgar o mundo com deslumbrantes shows visuais.
67. Nós deveríamos assistir com deslumbramento, mas jamais deveríamos assistir com ingenuidade.

68. A indústria mundana do espetáculo é poderosa com seduções que podem hipnotizar os olhos e conduzir o coração a uma busca tóxica por fama e riqueza, uma busca que destrói a alma.
69. A ética bíblica não consiste simplesmente em evitar coisas que corrompem, mas em aprender a ver, apreciar e abraçar as coisas eternas que realmente trazem sentido, propósito e alegria à nossa vida. Minha consciência precisa estar em sintonia com a Escritura para que eu resolva firmemente não entregar os meus olhos à vaidade. Mas eu também preciso resolver investigar quais são as coisas vãs que irão me seduzir naqueles momentos nos quais eu precisarei que Deus aja em meu favor.
70. Nossa cultura fabrica um panteão de deuses falsos para preencher o “desaparecimento” de Deus.
71. Os ídolos sempre pedem algo de nós. E Deus é um Deus zeloso.
72. O coração humano se dobra na direção daquilo que o olho vê. Hoje, os fabricantes de imagens lançam ao mundo espetáculos digitais de sexo, riqueza, poder e popularidade. Essas imagens nos adentram, nos moldam e modelam nossas vidas de maneiras que concorrem com o desígnio de Deus para o nosso foco e a nossa adoração.
- 73. Alimentar-se de mídias pecaminosas irá anular suas santas afeições. Sem dúvida. Mas empanturrar-se de um excesso de mídias moralmente neutras também irá depredar seu zelo afetivo. Cada um de nós precisa aprender a proteger prazeres superiores fazendo guerra contra deleites inferiores.**
74. O consumo excessivo de distrações drena todo o vigor de nossa alma.
75. [N]esta era governada pelos olhos, cada espetáculo se torna um potencial instrumento ou agente de dominação, sedução, persuasão e engano.
76. O poder da imagem de nos fazer exigências se origina na atenção que nós devotamos a elas. [...] quando ignoramos um espetáculo, desplugamos o seu poder.
77. [N]ão há como proteger o coração se deixamos os olhos desprotegidos.
78. Ser um mártir vivo é conscientemente recusar viver dentro das indústrias dominantes dos espetáculos e do consumismo; renunciar estrategicamente a um mundo centrado no espetáculo e orientado para o consumo, como testemunhas da dignidade de Cristo; abraçar a temperança; e renovar o compromisso com a prioridade da comunidade.
79. O antinomiano que assiste a tudo o que deseja, em nome da liberdade cristã, é tão ingênuo quanto o legalista que celebra sua abstenção total de TV, filmes e tempo de tela como uma evidência de sua santidade cristã.
80. No pulsar frenético dos estímulos elétricos, nossas mídias sobrecarregam nossos sentidos, fazendo com que as maravilhas divinas ao nosso redor simplesmente desapareçam.

81. Há um espaço para espetáculos serem usados com o objetivo de amar uns aos outros. Os cristãos conseguem enxergar propósitos divinos por trás do espetáculo. O espetáculo visual é não um fim, mas um potencial meio de participar da vida de outrem — uma oportunidade de ter uma experiência comum, uma nova porta de entrada para conhecer e ser conhecido num relacionamento.
82. Assistir à representação teatral da cruz em um palco ou em um filme pode nos mover poderosamente por um momento, mas a Mesa do Senhor, o sutil e simples simbolismo do pão e do cálice, nos convoca a nos envolvermos com um poder imaginativo que realiza algo mais profundo do que uma reação visceral. A Ceia do Senhor é uma cerimônia que alimenta as afeições interiores do nosso coração e a mediação imaginativa da nossa mente, equipando-nos para mais uma semana amando o próximo e fixando os olhos em Cristo.
83. Na era digital, achar Cristo monótono é o principal sinal de alerta de que os espetáculos deste mundo estão sufocando nosso coração do Espetáculo supremo do universo.
84. Aquele que quiser ser “BFF” dos espetáculos digitais constitui-se inimigo de Deus.
85. Nosso coração endurece à medida que nos tornamos meros consumidores prontos a ser manipulados pelos fabricantes de espetáculos.
86. O pior negócio do universo é brincar nas piscinas rasas dos espetáculos mundanos em vez de mergulhar fundo em busca do tesouro de valor eterno.
87. A batalha do cristão nesta era midiática pode ser vencida apenas pelo poder expulsivo de um Espetáculo superior. Cristo é nossa segurança e nosso guia na era de espetáculos concorrentes, a era das mídias sociais. Ele é nossa única esperança na vida e na morte, na era por vir e nesta era midiática.
88. Combine toda demonstração de beleza deste mundo num único objeto; isso seria o maior espetáculo da terra. **Contudo**, ainda seria meramente um eco tímido do que significa contemplar a fonte de toda beleza, o Deus vivo — o grande e belo Espetáculo da eternidade, arrebatador aos olhos e à alma.
89. Neste exato momento, na anatomia da fé, a audição é o sentido principal. Depois, na anatomia da eternidade, a visão será o principal. Nós vivemos nesta tensão, enquanto esperamos por algo superior.
90. Do primeiro momento em que contemplarmos o Cristo permanentemente transfigurado, o grande Espetáculo de glória da história cósmica, portaremos em nós a manifestação da beleza de Cristo como a nossa própria.
91. Andamos por fé e não por espetáculos visuais...
92. Como uma tela de smartphone ofuscada pelos raios diretos do sol, um dia nós veremos a face de Cristo. Naquele dia, todos os vãos espetáculos neste mundo de ilusões, todos os ídolos digitais de nossa era irão se dissolver, finalmente e para sempre, no resplendor da sua glória.